

---

## **Narrativas antirracistas no YouTube: o combate ao racismo amarelo pelo canal Yo Ban Boo<sup>1</sup>**

Amanda Noemi Kawakami CHINEN<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Este estudo busca analisar a contribuição do canal Yo Ban Boo no debate sobre o racismo amarelo no Youtube. Por meio da análise de conteúdo qualitativa de três vídeos, os resultados da pesquisa destacam a diversidade de formatos utilizados e a participação de diferentes membros nos vídeos. Conclui-se que o Yo Ban Boo é uma ferramenta eficaz na comunicação antirracista, desafiando narrativas hegemônicas e combatendo o racismo amarelo.

**PALAVRAS-CHAVE:** racismo amarelo; Yo Ban Boo; comunicação antirracista.

### **CORPO DO TEXTO**

Além das múltiplas tragédias desencadeadas pela pandemia de Covid-19 globalmente, que teve início na China, a doença também escancarou o fenômeno do racismo anti-asiático (Tokusato, 2022), também conhecido como racismo amarelo. Durante esse período, as redes sociais desempenharam um papel crucial na propagação de atitudes racistas contra pessoas de origem asiática, frequentemente culpabilizadas pela origem do vírus. Essas plataformas digitais facilitaram tanto a rápida disseminação de informações quanto de desinformação, contribuindo para o aumento da hostilidade contra grupos étnicos (Kohatsu et al., 2021).

Contudo, as redes sociais também se transformaram em espaços de denúncia, mobilização, conscientização e resistência contra o racismo amarelo. Em resposta à discriminação enfrentada pelos asiático-brasileiros, diversos canais e espaços sociais digitais emergiram para debater e confrontar esse tipo de racismo, despertando um movimento entre as comunidades asiático-brasileiras na luta antirracista (Inoue, 2017).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM-UERJ, email: [amandankc20@gmail.com](mailto:amandankc20@gmail.com).

---

Nesse contexto, o canal Yo Ban Boo no YouTube, objeto desta pesquisa, se destaca por seu compromisso em discutir e combater o racismo amarelo.

O Yo Ban Boo se dedica a explorar a experiência asiático-brasileira através de vídeos bem-humorados e histórias envolventes, que não apenas entretêm, mas também provocam reflexões profundas. O canal visa desconstruir preconceitos e mitos frequentemente associados aos brasileiros de origem asiática, além de abordar questões de identidade asiática raramente discutidas na sociedade brasileira, fortalecendo assim a comunidade asiático-brasileira. A escolha desse objeto foi baseada nos conteúdos que o canal dissemina, bem como na visibilidade e representatividade que possui dentro da comunidade asiático-brasileira: Yo Ban Boo tem 64.200 inscritos e mais de seis milhões de visualizações.

Ao mesmo tempo que as mídias podem servir para perpetuar estereótipos, por outro lado, elas também podem ser um meio de informar e unir grupos minorizados. Assim, este artigo propõe estudar formas de se contrapor a narrativa hegemônica, que frequentemente reforça estereótipos, ao focar em movimentos que se destacam pela comunicação antirracista, transmitindo informações de qualidade a fim de combater o racismo amarelo. Nesse contexto, a questão central de pesquisa é: Como o canal Yo Ban Boo promove o debate em torno do racismo amarelo? Para investigar essa questão, a pesquisa adotou uma abordagem metodológica que articula uma revisão bibliográfica com a análise de conteúdo de três vídeos selecionados do canal.

Silvio Almeida, em seu livro “Racismo Estrutural” (2019), define racismo como um sistema profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas que perpetua desigualdades e discriminações raciais. Almeida (2019) argumenta que o racismo não se limita a ações individuais de preconceito, mas se manifesta através de práticas institucionais e culturais que mantêm e reforçam a supremacia branca. Essa lógica estrutural do racismo pode ser aplicada para entender o racismo contra pessoas amarelas.

Nesse sentido, é válido ressaltar que, ao se discutir o racismo amarelo, o debate não visa a comparar dores ou minimizar o racismo negro, mas compreender como o sistema racista opera de maneira a subordinar diversas raças e etnias, mantendo a hegemonia branca. Além disso, é importante justificar o uso do termo “racismo amarelo” nesta pesquisa e não outros como discriminação, preconceito, xenofobia, principalmente porque, como ensina Djamila Ribeiro, é preciso “nomear as opressões, já que não

---

podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (Ribeiro, 2019, p. 11). Assim, entendendo que a palavra não pode ser um tabu, esta pesquisa visa reconhecer e combater essa opressão racial.

No cotidiano, o racismo contra asiáticos se manifesta frequentemente através de microagressões. Introduzido pelo professor Chester M. Pierce (1970), esse conceito se refere a formas sutis de discriminação, como gestos, piadas, estereótipos e outros comentários que são muitas vezes interpretados como inofensivos. No contexto do racismo amarelo, as microagressões raciais representam manifestações do racismo encoberto, mais dissimulado e sutil, que reforçam o racismo direto e sustentam a supremacia branca. Como exemplo dessas violências, podemos citar falas como “abre o olho, japonês”, “pastel de flango”, “xing ling” bem como o gesto de puxar os olhos para “imitar” pessoas amarelas.

Para compreender a origem dos estereótipos relacionados aos asiáticos, é crucial analisar a forma como foram historicamente retratados. Ao longo da história, os asiáticos foram vistos ora como o Perigo Amarelo, uma ameaça perigosa e bárbara, ora como a Minoria Modelo, um grupo inteligente, educado e responsável.

A ideia do Perigo Amarelo foi uma estratégia de animalização dos asiáticos empregada pela Europa e pelos Estados Unidos. Temendo perder o controle hegemônico, esses países retrataram os asiáticos como sinônimos de perigo, invasão e terror (Chen, 2012). Historicamente, essa noção foi utilizada como um pretexto político e cultural para subjugar e discriminar asiáticos ao redor do mundo, sustentando a hegemonia euro-americana (Hirata, 2019).

Em contrapartida, no início dos anos 1990, estudiosos como Cohen (1992) e Delener e Neelankavil (1990) começaram a investigar como os asiáticos eram vistos pelos norte-americanos. O estereótipo emergente descrevia os asiáticos como uma comunidade trabalhadora, séria e inteligente. Este conceito, conhecido como Minoria Modelo, retratava os asiáticos no Brasil como trabalhadores dedicados, educados, prósperos e passivos, uma mudança drástica em relação à visão anterior de Perigo Amarelo.

Do Perigo Amarelo à Minoria Modelo, é possível perceber como os asiáticos têm sido rotulados de acordo com os interesses da branquitude. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, os amarelos foram estigmatizados sob o paradigma do Perigo Amarelo, sendo percebidos como ameaças perigosas e culpabilizados pela propagação do vírus. A

---

pandemia gerou uma onda de hostilidade em relação a chineses, asiáticos e seus descendentes em todo o mundo, incluindo o Brasil (Kohatsu et al., 2021).

Neste período, as redes sociais desempenharam um papel crucial na disseminação do racismo, permitindo o compartilhamento de conteúdo racista e xenofóbico. As plataformas digitais facilitaram a rápida disseminação de informações e desinformações, contribuindo para a hostilidade em relação a grupos étnico. Contudo, as redes sociais também se tornaram um espaço para denunciar, mobilizar, conscientizar e resistir contra o racismo. Nesse panorama, as mídias digitais forneceram um espaço para as vítimas e seus apoiadores denunciarem e reagirem a casos de racismo, incluindo a exposição de incidentes de ódio e discriminação, frequentemente compartilhados em plataformas de mídia social (Martins, 2022).

Nesse contexto, podemos recorrer a Castells (1999) em seus estudos sobre a descentralização do poder na sociedade em rede. Na obra “A Sociedade em Rede” (1999), o autor explora como as estruturas tradicionais e hierárquicas estão cedendo espaço para formas mais flexíveis e distribuídas de poder. Nesse cenário, as instituições centralizadas dão lugar a redes dinâmicas de interação, refletindo uma mudança profunda nas estruturas de poder. Além disso, Castells destaca o papel transformador das redes na facilitação e amplificação de movimentos sociais e resistência, tornando-se ferramentas poderosas para mobilização social.

Complementando essa perspectiva com os conceitos discutidos por Habermas (2003), observamos que a esfera pública contemporânea também se transforma com a ascensão das redes sociais e plataformas digitais como o YouTube. Habermas (2003) argumenta que a esfera pública é um espaço de debate e deliberação onde a opinião pública se forma. No entanto, na era digital, essa esfera se fragmenta e se reconfigura, permitindo uma pluralidade de vozes e perspectivas que antes estavam marginalizadas.

Dentro dessa perspectiva, o YouTube emerge como uma dessas redes de expressão e debate, desempenhando um papel significativo na conscientização e discussão de questões sociais, conforme destacado por Burgess e Green (2009). Assim, essa plataforma digital se apresenta como um espaço virtual que amplia as possibilidades de conscientização e participação cidadã, proporcionando um espaço importante para abordar temas relevantes na sociedade atual.

Para a análise de conteúdo dos vídeos, adotamos a metodologia de Bardin (2016), utilizada para examinar diferentes formas de comunicação, como textos escritos,

---

entrevistas, discursos e imagens, visando identificar padrões, temas e significados subjacentes. Este método busca desvelar significados mais profundos nas mensagens além do que é superficialmente evidente, seguindo três etapas fundamentais.

Na primeira etapa, denominada pré-análise, foram selecionados três vídeos publicados em 2017, ano com o maior número de publicações no canal, totalizando 94 vídeos. Foram escolhidos vídeos com mais de 15 mil visualizações, centrando-se em temas relacionados ao racismo amarelo, como minoria modelo, representatividade e participação asiática no racismo contra pessoas negras. Os vídeos selecionados incluem "O que significa se sentir representado?" (33.185 visualizações), "Asiáticos São a Minoria Modelo? – Quero Café" (18.234 visualizações) e "A Participação Asiática no Racismo Anti-Negro" (114.867 visualizações).

Na segunda etapa, a exploração do material envolve a aplicação de indicadores previamente definidos, como o tipo de vídeo (esquete, entrevista, opinião), estratégias narrativas (abordagem do conteúdo, argumentação) e o grau de engajamento do público (número de visualizações, curtidas, comentários). Por fim, na terceira etapa, foi realizado o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, buscando compreender os significados subjacentes nos dados analisados.

### **“O Que Significa Se Sentir REPRESENTADO?”**

O vídeo intitulado "O Que Significa Se Sentir REPRESENTADO?"<sup>3</sup>, publicado em 16 de fevereiro de 2017, tem duração de seis minutos e 45 segundos e, quanto ao formato, é caracterizado como um vídeo de opinião, no qual não é exibido o rosto de um indivíduo, mas apenas narração e trechos de cenas de personagens asiáticos em produções audiovisuais famosas. Acumulando um total de 33.185 visualizações, 3.500 curtidas e 263 comentários, a edição do vídeo combina a narração com os diálogos das cenas, resultando em uma apresentação de fácil compreensão.

O tema principal abordado no vídeo é a representatividade. Ele se inicia com a exibição de cenas de filmes que apresentam personagens asiáticos, ao mesmo tempo em que o narrador se apresenta como Léo do Yo Ban Boo. Em seguida, o narrador afirma que o vídeo discutirá o verdadeiro significado de se sentir representado ao assistir a um vídeo na internet, uma série de TV ou um filme no cinema. Além disso, ele destaca que

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J2HUE-z9eHk>. Acesso em 28 set. 2024.

---

o enfoque principal será na representatividade dos asiáticos, que é o foco do canal, mas ressalta que a discussão também pode ser aplicada a outras etnias e minorias.

A abordagem do vídeo se destaca pela forma atrativa e dinâmica com que o tema da representatividade é tratado. A utilização de diversas cenas curtas, que retratam personagens asiáticos em produções audiovisuais famosas, é uma estratégia eficaz para prender a atenção do espectador ao longo de sua duração. A narrativa, articulada de maneira envolvente, permite que o público acompanhe com interesse as reflexões apresentadas sobre o significado de se sentir representado.

Em relação ao conteúdo do vídeo, podemos notar que o tema central é a importância da representação de atores e personagens asiáticos nas produções culturais e de massa. Léo Hwan, integrante do canal e narrador do vídeo, destaca que os asiáticos também fazem parte da cultura e consomem essas produções, dedicando horas para assistir, ler e discutir sobre elas. Ele argumenta que a inclusão de rostos asiáticos nas produções não é apenas uma questão social, mas também econômica, pois, se os produtores desejam que as pessoas paguem por seus produtos, devem fornecer o que o público deseja. O narrador observa que nos últimos anos tem havido um aumento na representação de atores e personagens asiáticos, indicando um movimento de inclusão de minorias.

No entanto, Léo questiona se isso é suficiente. Ele menciona casos em que personagens asiáticos são inseridos nas tramas, mas vivem vidas estereotipadas, o que não reflete a experiência real dos asiáticos. O narrador ainda defende a necessidade de assistir a uma experiência “autêntica” de ser asiático, que vá além do simples aspecto visual. Ele compartilha uma experiência pessoal em que se sentiu representado ao ler um quadrinho escrito por um asiático americano chamado Greg Pak, que provavelmente vivenciou situações semelhantes.

O integrante do canal também enfatiza que a mudança não está apenas nos atores, mas começa na parte criativa das produções. Ele reconhece que é irrealista esperar que grandes produtores, em sua maioria homens brancos e heterossexuais, façam produções culturais com asiáticos em papéis de destaque e que os representem de forma fiel. Para acabar com esse problema, o narrador destaca a importância de os próprios asiáticos se envolverem na criação de conteúdo, seja no cinema, nos quadrinhos ou em jogos. Ele afirma que a indústria cultural precisa de mais roteiristas, diretores e produtores asiáticos, para evitar representações estereotipadas ou superficiais.

---

O narrador argumenta que a experiência pessoal e a vivência são essenciais para uma representação autêntica. Ele reconhece que ótimas produções surgem de um trabalho intenso de pesquisa e empatia, mas ressalta que hoje em dia apenas um tipo de pessoa escreve sobre todas as outras. Ele questiona a justiça disso e encoraja os espectadores a compartilharem suas opiniões nos comentários. Assim, o vídeo destaca a importância da representatividade asiática nas produções culturais e a necessidade de uma representação autêntica que vá além do aspecto visual, retratando as experiências reais vividas pelos asiáticos. Ele incentiva a participação ativa dos próprios asiáticos na criação de conteúdo e critica a falta de diversidade na indústria cultural.

Em contrapartida, é importante ressaltar que, apesar do vídeo abordar um tema relevante e importante, há algumas críticas e pontos de atenção que podem ser levantados, como a falta de fontes e dados. O vídeo não apresenta dados estatísticos ou referências que sustentem as afirmações feitas pelo narrador, assim, mesmo que o relato pessoal seja válido, o respaldo em informações objetivas poderia fortalecer os argumentos apresentados.

Embora o vídeo incentive os asiáticos a se envolverem na criação de conteúdo, é válido pontuar que não oferece orientações práticas sobre como isso pode ser alcançado ou superar as barreiras existentes. Nesse sentido, uma abordagem mais proativa em relação às soluções poderia enriquecer o discurso. Assim, podemos analisar que existem algumas limitações em termos de embasamento e abrangência, além de uma falta de abordagem mais aprofundada sobre a diversidade de experiências asiáticas e possíveis soluções para os desafios enfrentados.

Por fim, pode-se concluir que o vídeo "O Que Significa Se Sentir REPRESENTADO?" aborda de forma envolvente e dinâmica o tema da representatividade asiática nas produções culturais. Uma evidência do dinamismo do vídeo são os cortes curtos e a presença de diversas cenas que se intercalam durante a narração, criando um ritmo acelerado que mantém o espectador engajado. Além disso, a forma articulada e bem amarrada do texto representa outra evidência da envolvimento do vídeo, estabelecendo uma linha de raciocínio coesa que captura e prende a atenção do público de maneira eficaz.

**“Asiáticos São a Minoria Modelo”**

Prosseguindo a análise, o vídeo “Asiáticos São a Minoria Modelo?” - Quero Café”<sup>4</sup> conta com 1,6 mil curtidas, 18.234 visualizações e 136 comentários. Ele foi publicado dia 4 de maio de 2017 e tem duração de 18 minutos e 2 segundos. Diferentemente do vídeo anterior, o formato é uma roda de conversa entre três integrantes do canal e a convidada Kemi Shimabukuro (figura 1), referência no assunto de racismo amarelo, para falar sobre o mito da Minoria Modelo.

Figura 1 - Da esquerda para a direita: Bia, Léo e Kemi no vídeo “Asiáticos São a Minoria Modelo? - Quero Café?”



Fonte: Canal Yo Ban Boo. Disponível em: <https://youtu.be/a6OiThwfr8s?feature=shared>

A estratégia adotada consistiu em trazer uma autoridade no assunto para falar de forma fácil de entender sobre algo complexo. Assim, notou-se a intenção de abordar o conteúdo complexo de uma forma leve, em que pareciam amigos conversando sobre um tema sério, mas de forma descontraída. No vídeo, Kemi se apresenta como estudante de ciências sociais e escritora do blog “Outra Coluna”<sup>5</sup>, em que o conteúdo é voltado para abordar uma base teórica sobre a questão dos asiáticos para a militância, que incluía feminismo, pautas LGBTQIAPN+, a luta de classes e a luta antirracista. Em seguida, Léo, integrante do canal, direciona as perguntas e, junto com Bia e Kiko, também integrantes do canal, mediam a conversa.

No decorrer do vídeo, Leo e Kemi exploram o cenário do mito da Minoria Modelo. O diálogo se inicia com uma definição do mito, sob a perspicácia de Kemi, revelando como os asiáticos são comumente percebidos como um grupo de sucesso, estudioso e bem integrado aos valores brancos. Essa representação estereotipada, como destacada por Kemi, não apenas resulta em microagressões, mas também introduz um

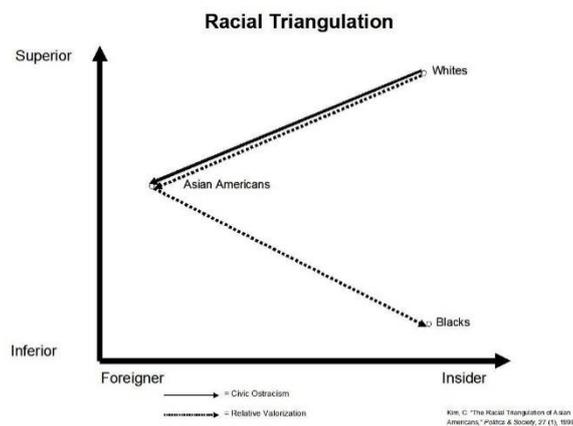
<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6OiThwfr8s&t=118s>. Acesso em 28 set. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://outracoluna.wordpress.com/>. Acesso em 28 set. 2024.

essencialismo racial prejudicial, em que o esforço individual é desconsiderado, e as conquistas são atribuídas à ascendência étnica.

A narrativa se expande para abordar a pressão familiar sobre os imigrantes asiáticos para seguirem carreiras prestigiosas historicamente associadas à sua comunidade. No vídeo, Kiko também enriquece a discussão, contextualizando essa pressão no âmbito histórico da imigração e das dificuldades enfrentadas por esses imigrantes ao chegarem a um novo país. Outro aspecto fundamental é a análise da comparação entre minorias, fruto do mito da minoria modelo. Assim, Kemi e Kiko discutem a injustiça inerente a essa comparação e introduzem a teoria da triangulação racial (figura 2), uma ferramenta visual que destaca as distintas posições de poder ocupadas por brancos, asiáticos e negros na sociedade.

Figura 2 - Triangulação racial de Kim (1999).



Fonte – Kim (1999). Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0032329299027001005>.

A teoria da triangulação racial (figura 2), desenvolvida por Kim (1999) e introduzida no vídeo pela convidada, destaca a existência de três pontos distintos em uma estrutura social, formando um triângulo. No vértice inferior, os negros ocupam uma posição social inferiorizada, enquanto os asiáticos (leste asiático) ficam no vértice intermediário, experimentando uma posição que não é tão oprimida quanto a dos negros, mas também não é completamente incluída no vértice superior, onde os brancos representam a posição social mais privilegiada.

Essa teoria ressalta que os asiáticos, embora percebidos como bem-sucedidos e estudiosos, não estão plenamente incluídos na categoria privilegiada dos brancos. Eles

---

ocupam uma posição intermediária, experimentando uma forma distinta de privilégio e opressão. A análise visual por meio do triângulo busca representar a complexidade das experiências raciais, reconhecendo a multifacetada dinâmica social e os diferentes níveis de opressão e privilégio enfrentados por diversos grupos. Essa representação visual é uma ferramenta valiosa para compreender as hierarquias sociais na sociedade brasileira, destacando nuances nas experiências raciais (Kim, 1999).

A discussão se estende para as contradições enfrentadas por negros e asiáticos no Brasil, explorando as diferentes experiências históricas que deram forma a percepções contrastantes de pertencimento. O vídeo, de maneira eloquente, também enfatiza a necessidade de desconstruir a branquitude, desafiando privilégios e reconhecendo-a como uma raça. Léo e Kemi não apenas identificam os desafios, mas também propõem estratégias para combater o mito, sublinhando a importância de promover a conscientização sobre a identidade racial. Eles concluem encorajando a participação ativa em movimentos sociais e a necessidade de se informar e ser solidário de maneiras que não apenas desafiem, mas também transcendam os próprios privilégios.

Em sua exploração aprofundada e perspicaz, o vídeo não apenas oferece uma visão completa das complexidades das experiências asiáticas no Brasil, mas também se posiciona como um apelo à compreensão e à ação coletiva para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa e inclusiva. Entender essas nuances se revela crucial para o progresso rumo a um mundo mais equitativo e compassivo.

Nesse sentido, podemos observar que o vídeo tem uma abordagem informativa e educativa, fornecendo uma análise aprofundada sobre estereótipos raciais. A diversidade de perspectivas, representadas por Leo, Kemi e Kiko, enriquece a discussão, enquanto os exemplos pessoais, principalmente os compartilhados por Leo, tornam o conteúdo mais tangível e emocionalmente envolvente. Além disso, o uso de elementos visuais, como gráficos explicativos, contribui para uma compreensão mais clara de conceitos complexos, como a teoria da triangulação racial.

No entanto, alguns pontos negativos incluem a duração prolongada, que pode não ser ideal para todos os públicos, e a possível complexidade na explicação de certos conceitos, exigindo um entendimento mais profundo. Além disso, a falta de contrapontos e sugestões práticas para combater o mito da minoria modelo podem ser percebidos como limitações. Apesar desses aspectos, o vídeo oferece uma visão abrangente e educativa sobre o tema, destacando questões sociais e psicológicas associadas ao estereótipo racial.

### **“A Participação Asiática no Racismo Anti-Negro”**

Já o vídeo “A Participação Asiática no Racismo Anti-Negro”<sup>6</sup>, publicado em 7 de março de 2017, conta com 9 mil curtidas, 114.867 visualizações e 532 comentários. Assim como o formato do vídeo “O que significa se sentir REPRESENTADO?”, essa produção se caracteriza como um vídeo de narração, em que se passam diferentes cenas enquanto um narrador guia o vídeo. Ao longo de 6 minutos e 52 segundos, o vídeo expõe ideias por meio de falas diretas do narrador, intercaladas com exemplos concretos para facilitar a compreensão do tema.

Nesta abordagem, é possível perceber que há uma tentativa de conectar a experiência individual com questões sociais mais amplas, usando a história pessoal como uma entrada para reflexões sobre estereótipos e a perpetuação do racismo. A abordagem geral do vídeo é educativa e reflexiva, encorajando os espectadores a repensarem estereótipos, reconhecerem privilégios e serem solidários na luta contra o racismo anti-negro.

Assim, o vídeo começa com Léo compartilhando uma experiência pessoal de filmar um curta com réplicas de armas e ser abordado pela polícia. Ao detalhar a situação, ele descreve que estavam simulando uma briga de tiros, quando quatro viaturas policiais surgem de repente para abordá-los. Ele enfatiza o medo que sentiram ao serem abordados pela polícia, aumentando a tensão na narrativa.

Ao mencionar a sorte das réplicas estarem guardadas nas mochilas e não nas mãos do grupo, Léo destaca o potencial perigo da situação. A revista policial é detalhadamente descrita, com os policiais se aproximando das mochilas com as armas, criando suspense na história. Entretanto, no meio da abordagem, os policiais simplesmente interrompem o procedimento e perguntam o que os garotos estavam fazendo. Léo explica aos policiais que eram estudantes e estavam filmando um vídeo para a internet. Nesse momento, os policiais permitem que o grupo vá embora sem verificar as mochilas porque, segundo o policial, eles não tinham “cara de bandido”. É a partir desse gancho que o vídeo introduz o tema principal: a participação asiática no racismo negro. Mas, antes de entrar no assunto, Léo faz um pedido para que os espectadores reflitam sobre possíveis desconfortos gerados pelo vídeo.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXJPI2h8yPQ&t=2s>. Acesso em 28 set. 2024..

Utilizando elementos visuais para ilustrar visualmente o ponto a ser discutido, é destacado que os asiáticos são frequentemente tratados como a minoria modelo, caracterizados como educados, estudiosos e dóceis (figura 3). A ironia surge ao mencionar que, devido a essa imagem, podem evitar serem revistados pela polícia, mesmo quando têm uma arma na mochila. Contudo, Léo argumenta que essa percepção positiva é problemática, pois, ao aceitarem esse papel, os asiáticos contribuem para a opressão de outras minorias, principalmente a comunidade negra.

Figura 3 - Print do vídeo “O Que Significa Se Sentir REPRESENTADO?” em que aparecem atores asiáticos estudando



Fonte: Canal Yo Ban Boo. Disponível em: <https://youtu.be/vXJPI2h8yPQ?feature=shared>

Assim, Léo aborda a crítica ao argumento de que os asiáticos são bem-sucedidos economicamente e têm sucesso acadêmico, sugerindo que esses pontos positivos são usados para pressionar outras minorias a seguirem o mesmo caminho. Nesse sentido, o narrador ressalta a injustiça dessa comparação, apontando que se ele fosse negro, a experiência de ser parado pela polícia poderia ter consequências muito mais graves.

O vídeo critica a atitude de alguns asiáticos que reproduzem a anti-negritude, aceitando a mercantilização de sua cultura e permanecendo calados para manter seus privilégios. Nesse sentido, durante a narração, o objeto mostra uma propaganda em que uma mulher asiática prende seu namorado negro em uma máquina de lavar e, após a lavagem, ele se torna um homem asiático. Isso ilustra como a pele escura é estigmatizada, destacando a conveniência para os asiáticos que aceitam e reproduzem esses estereótipos.

Em seguida, o narrador enfatiza que, embora os asiáticos possam ser gratos por suas conquistas, é importante reconhecer a luta dos negros e não a utilizar de maneira insensível. Ao abordar a falsa justificativa de que os asiáticos são naturalmente mais calados, o vídeo refuta estereótipos, enfatizando que asiáticos têm voz e devem usá-la para serem solidários e recusarem-se a contribuir para o racismo anti-negro. Por fim, o espectador é encorajado a ouvir as vozes daqueles que sofrem com o racismo, e são

---

fornecidos links para o movimento Mães de Maio como uma ação concreta para promover a conscientização e a mudança.

Um ponto que poderia ter recebido uma abordagem mais aprofundada é a base teórica do vídeo. Ao discutir o privilégio associado à representação dos asiáticos como a *Minoria Modelo*, o vídeo simplifica esse mito ao focar apenas na percepção dos asiáticos e em como isso gera estereótipos e privilégios. Essa simplificação pode sugerir erroneamente que os asiáticos são intrinsecamente estudiosos e dóceis, em vez de reforçar que essa imagem foi construída pela branquitude.

Nesse sentido, nota-se que o vídeo carece de um enquadramento histórico que destaque, como vimos no capítulo anterior, o papel crucial da branquitude na formação desse sistema de hierarquia racial, em que o estereótipo da "*Minoria Modelo*" é uma estratégia da branquitude com o propósito claro de oprimir tanto os asiáticos quanto os negros (Hirata, 2019).

Mas, no geral, é preciso pontuar que a apresentação articulada do narrador contribui positivamente para a clareza da mensagem, permitindo que os espectadores compreendam melhor os pontos discutidos. Assim, podemos notar que o vídeo apresenta uma narrativa impactante e recursos visuais bem trabalhados. Além disso, o vídeo não se limita a destacar o problema, mas também oferece sugestões práticas para ações, como ouvir as vozes daqueles que sofrem com o racismo, e fornece links para os movimentos sociais, encorajando a participação ativa dos espectadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao examinar as três produções audiovisuais do canal *Yo Ban Boo*, destaca-se a diversidade de formatos, como curtas, entrevistas e esquetes, está em sintonia com a ideia de oferecer uma perspectiva multifacetada sobre o racismo amarelo, abordando o tema de maneiras variadas para atingir diferentes públicos. Isso também mostra a adaptação do canal às lógicas da plataforma, o que ajuda a entender como o canal não apenas debate o racismo amarelo, mas também como a plataforma do YouTube configura e influencia essa discussão.

Outro ponto positivo a ser destacado é a diversidade de integrantes apresentando os vídeos. A abordagem dinâmica, em que cada vídeo é conduzido por um membro diferente, adiciona um elemento de frescor e variedade ao conteúdo. Isso não apenas mantém o espectador engajado, mas também oferece diferentes perspectivas e estilos de

apresentação. A partir disso, o Yo Ban Boo exemplifica como produtores culturais precisam se adaptar continuamente às mudanças nas plataformas. No YouTube, onde algoritmos e interfaces estão em constante evolução, a capacidade de adaptação é crucial para manter a relevância do conteúdo em um ambiente tão dinâmico.

No entanto, é crucial observar que a consistência na qualidade e no desenvolvimento de alguns vídeos pode variar, evidenciando a necessidade de aprimoramento em termos de recursos visuais e coesão na abordagem, o que reflete no baixo engajamento desses vídeos. A análise também revela que a falta de recursos visuais em alguns vídeos é uma limitação perceptível. Embora a variedade de abordagens seja uma força do canal, a inclusão de elementos visuais dinâmicos poderia aprimorar ainda mais a experiência do espectador, especialmente em vídeos mais longos. Alguns vídeos parecem mais teóricos, enquanto outros são mais ricos em recursos visuais, sugerindo uma oportunidade para uma maior uniformidade na apresentação.

Ao explorar temas como representatividade, estereótipos e participação dos asiáticos na sociedade brasileira, o canal Yo Ban Boo se caracteriza pela comunicação antirracista, desafiando as estruturas de poder e as narrativas hegemônicas. Portanto, a análise do canal Yo Ban Boo não apenas contribui para um entendimento mais profundo do racismo amarelo, mas também destaca a importância de plataformas digitais na luta contra todas as formas de discriminação racial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em 27 jun. 2024.

CHEN, An. **On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and its Latest Hegemony “Variant” – the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles**. The Journal of World Investment & Trade, Martinus Nijhoff Publishers, vol.13, 2012.

COHEN, Judy. **White consumer response to Asian models in advertising**. Journal of Consumer Marketing, v. 9, n. 2, p. 17-23, 1992.

---

DELENER, Nejdete; NEELANKAVIL, James P. **Informational sources and media usage.** Journal of Advertising Research, v. 30, n. 3, p. 45-52, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. (Trad.). Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

HIRATA, Douglas Yuri. **Yellow Peril, Model Minority and the Racial Triangulation.** Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4896874/mod\\_resource/content/1/HIRATA\\_%20DOUGLAS%20The%20yellow%20peril%20%28race%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4896874/mod_resource/content/1/HIRATA_%20DOUGLAS%20The%20yellow%20peril%20%28race%29.pdf). Acesso em 27 jun. 2024.

INOUE, V. C. **A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira.** 2017. 50 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)— Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:  
<https://bdm.unb.br/handle/10483/18241>. Acesso em 27 jun. 2024.

KIM, C. J. **The Racial Triangulation of Asian Americans.** In: Politics & Society, v. 27 (1), n. 1, p. 105–138, 1999.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, PF de. **Imigração, mídia e xenofobia:** A ameaça imaginária em questão. Teoria crítica, violência e resistência, p. 125-146, 2021.

MARTINS, Érica Ferreira. **# BlackLivesMatter, # StopAsianHate e BTS:** reflexões sobre análise do discurso digital e movimentos sociais na Web. 2022.

PIERCE, Chester. **Offensive mechanisms.** In: BARBOUR, Floyd. (org.) The black seventies. Porter Sargent Pub, p. 265-282, 1970.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das letras, 2019.

TOKUSATO, L. **Coronavírus: A nova variante do perigo amarelo.** ÍANDÉ: Ciências e Humanidades, v. 6, n. 1, p. 46-58, 27 abr. 2022. Disponível em:  
<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/download/565/435/1656>. Acesso em 27 jun. 2024.